

SUJEITOS ESCOLARES EM FOCO: HISTÓRIA ORAL E A PESQUISA COM HISTÓRIA E MEMÓRIA DE INSTITUIÇÕES ESCOLARES

LINCOLN CHRISTIAN FERNANDES*

Como o tema da memória oral está em voga, a pesquisa com uso da oralidade tem crescido significativamente no Brasil. Esse crescimento, ou melhor, consolidação, tem ocorrido em diferentes campos de investigação, história, sociologia, antropologia, educação, e ainda, tem sido tomada como abordagem em estudos interdisciplinares. É possível fazer apontamentos sobre trabalhos realizados na perspectiva da memória individual ou coletiva, por meio da utilização das narrativas orais de mulheres, de afrobrasileiros, de operários, de professores, e outros.

Assim, através da leitura do título deste trabalho, já é possível imaginar a importância que a metodologia da História Oral tem enquanto meio de procurar responder às questões sobre a problemática de pesquisas a cerca desse tema. Portanto, sabendo que a proposta deste trabalho foi no sentido de analisar as contribuições da pesquisa realizada junto ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados, com o título “Novas tecnologias da informação e comunicação e a história da educação: um estudo de caso sobre história e memória de instituições escolares”. Havia dentre os objetivos abordados nessa referida investigação *stricto sensu*, um objetivo específico que correspondia à produção de documentos orais, como forma de buscar a apreensão da memória do cotidiano escolar. Para desenvolvimento da proposta, foram selecionadas as sete instituições com maior tempo de estabelecimento na cidade de Dourados, após investigação no interior dessas instituições, foi feita a opção por trabalhar com a Escola Estadual Antonia da Silveira Capilé, preferencialmente chamada pela comunidade, Escola Capilé.

Desta forma, se deve ressaltar que a questão das fontes surgiu como uma das problemáticas deste trabalho, pois a reflexão se desenrolou inicialmente sobre a ausência e insuficiência de fontes tradicionais nas instituições de ensino e,

* Professor na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS, é mestrando em história da educação pelo PPGEdu/UFGD.

posteriormente, sobre o que guardavam os documentos impressos, manuscritos e iconográficos dos arquivos escolares. Sobre tais documentos, foram analisadas as circunstâncias do processo de produção, ou seja, foram produzidos em momentos excepcionais no percurso da instituição e de sua respectiva comunidade. Foi nesse contexto que emergiu a oralidade como fonte que apresentava potencialidade na apreensão do cotidiano escolar, porém, não existiam tais documentos preservados nas instituições de ensino investigadas na cidade de Dourados, provavelmente, não exista na grande maioria dessas instituições da educação básica no Mato Grosso do Sul e mesmo no Brasil. Assim, a partir dos referenciais da “Nova história”, defendida por Le Goff e Burke, surgem as novas fontes, no qual se destaca as fontes orais. Mas sobre o seu uso e, especialmente quando o pesquisador tem a frente uma nova temática como da “história e memória de instituições escolares”, surge então, uma nova problemática, da possibilidade de trabalhar com outras memórias, que não se encontra nas fontes oficiais. Mas para continuar, é importante enfatizar que o objeto tomado na investigação foi à memória do cotidiano escolar, com projeção para a produção dos documentos orais junto à comunidade escolar.

No entanto, normalmente quando se toma as instituições escolares de redes públicas e suas respectivas comunidades como foco de investigação, logo se pode apontar que há uma quantidade mínima de fontes escritas por falta de arquivamento, este apontamento é decorrente da observação empírica, através da visita às instituições na cidade de Dourados.

Nessa proposta de estudo, a história oral foi tomada como metodologia e uma referência para estabelecimento da relação entre história da educação e novas tecnologias da informação e comunicação, no sentido de produção dos documentos orais e na organização de acervo digital de memória do cotidiano escolar. Neste sentido, a história oral se tornou uma ferramenta imprescindível ao historiador da educação. Sobre o uso da história oral como uma metodologia, a autora da obra *Manual de História Oral*, Verena Alberti (2005), diz:

Sendo um método de pesquisa, a história oral não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento. Seu emprego só se justifica no contexto de uma investigação científica, o que pressupõe sua articulação com um projeto de pesquisa previamente definido (ALBERTI, 2005: 29).

Assim, foi possível compreender que ao abordar a relação entre a história das instituições escolares e a memória social, pelo processo de envolvimento da comunidade no processo de apreensão e preservação das narrativas orais, o trabalho desenvolvido no interior da instituição de ensino pode contribuir com a formação da identidade dos grupos e dos sujeitos escolares, considerando a diversidade social no ambiente dessas instituições. Portanto, a partir do uso da história oral e buscando as representações dos sujeitos que atuaram como entrevistadores e os que foram entrevistados, foi apreendido documentos relativos à memória social, tornando evidente a riqueza de informações para os alunos (as) da geração atual e passada, profissionais da educação da ativa e aposentados e comunidade escolar em geral, pois a referência da atuação dos estudantes como sujeitos da própria história, foi preservada através do documento oral, em acervo digital sistematizado em centro de documentação escolar informatizado.

Outro aspecto importante da pesquisa se verifica pela inserção da análise em torno da história local, pois, por meio da apreensão da memória oral, um banco de dados com informações sobre relações sociais e práticas pedagógicas de um local específico foi sistematizado e disponibilizado ao público, garantindo o direito à memória.

Portanto, ao buscar as narrativas orais no trabalho com os sujeitos escolares em pesquisa desenvolvida no interior de uma instituição de ensino, surgiu a possibilidade de refletir sobre a produção do conhecimento histórico a partir do enfoque da história local e regional. Então, o ponto de partida dessa análise ocorreu por meio da leitura do trabalho de Garrido (1995), pois, ele concebe a utilização das fontes orais como algo imprescindível na busca de elementos da vida cotidiana, contribuindo para o protagonismo de culturas singulares. E desta forma, compreende a fonte oral como “uma fonte documental a mais” no referencial da pesquisa, mas que corresponde a um “indispensável elemento de trabalho” (1995: 36).

Numa busca por tratar a história e memória de instituições escolares no contexto da história local, Samuel (1990), chama atenção em relação ao trabalho de utilização da história oral enquanto metodologia de pesquisa direcionada a essa pretensão, alertando para a proximidade do historiador e a necessidade de não perder de vista o objetivo

determinado no projeto a cerca do objeto em investigações. Porém, a preocupação deste autor, não pode ser compreendida como uma limitação ou impedimento, pois a aproximação é entendido pelos historiadores como algo necessário para se aproximar do real ou da representação do vivido;

A História Local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma idéia muito mais imediata do passado. Ele a encontra dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campo [...] Os materiais básicos do processo histórico devem ser constituídos de quaisquer materiais que estejam à disposição no local. (SAMUEL, 1990: 220)

Observamos em estudo direcionado à História Oral, especialmente na leitura de Thompson (1992), onde este pesquisador conceitua e defende que a evidência em história oral pode se apresentar tão fidedigna e autêntica quanto qualquer outra evidência apreendida em outra “hierarquia aceita” de fontes. Ressalta-se que os passos para a realização do exame de tais evidências, devem consistir basicamente, dos mesmos procedimentos de investigação pelos quais passam outros tipos de fontes de pesquisa.

Thompson (1992), enfatiza ainda, a posição da história oral enquanto favorável em relação à própria “hierarquia aceita” das fontes:

O que é importante é que muitas das perguntas que se devem fazer sobre os documentos – se podem ser falsificações, quem era seu autor e com que finalidade social foram compostos – podem ser respondidas com muito mais confiabilidade em relação à evidência oral do que em relação a documentos [...]. Quanto ao mais, os recursos do historiador são as regras gerais para o exame de evidências: buscar a consistência interna, procurar confirmação em outras fontes, e estar alerta quanto ao viés potencial [...] Há muito tempo os pesquisadores sociais utilizam entrevistas, de modo que existe farta discussão sociológica sobre o método de entrevista, as fontes dos vieses que aí podem ocorrer, e como estes podem ser estimados e minimizados. Comparativamente, é escassa a discussão sobre os vieses que, de modo semelhante, são inerentes a toda documentação escrita (1992: 139).

Para Thompson (1992), “Se as fontes orais podem de fato transmitir informação fidedigna, tratá-las simplesmente ‘como uma fonte documental a mais’ é ignorar o valor extraordinário que possuem como testemunho objetivo, falado” (1992, p. 123), mas que a evidência oral deve necessariamente estar contextualizada face ao objeto de investigação científica, para daí poder defini-la enquanto evidência complementar e/ou suplementar em relação a outras fontes que se venha a utilizar. Vale então, já neste momento, ressaltar que na pesquisa em história das instituições escolares, a história

oral, de acordo com as colocações de Thompson, se observa as inúmeras possibilidades de exploração científica, especialmente na relação entre memória, cotidiano e cultura escolar.

Nesse sentido, a oralidade na pesquisa em história da educação não se limita à mecanização do uso de um gravador. Ao contrário: o momento da entrevista requer necessariamente sensibilidade e conhecimento de causa. Porém, sua utilização junto à estudantes concluintes do ensino médio foi considerada satisfatória e de grande impacto em relação ao resultado final, ou seja, na constituição de um núcleo de preservação da memória escolar e do laço social, que aproximou os diferentes segmentos da comunidade no decorrer do processo de execução, além do compromisso de dar continuidade aos trabalhos de apreensão das narrativas orais de sujeitos escolares a partir da concretização do Centro de Memória Escolar da Escola Capilé.

De acordo com Alberti (2005), a história oral na perspectiva da pesquisa com história e memória das instituições escolares atua como “[...] um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica,...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo” (1989: 52). Assim, se torna uma ferramenta norteadora para inserir os sujeitos escolares como atores da pesquisa em formato de intervenção, no processo de produção das narrativas orais.

Se por um lado, como Thompson (1992), aponta que a história oral abre possibilidades e vozes aos esquecidos, igualmente Garrido defende a revitalização possível pela fonte oral para a história que doravante era contada absolutamente pelas vias oficiais. Entretanto, a oralidade na pesquisa apresenta também seus próprios caminhos e ressaltamos ainda que conforme Garrido (1995) “a memória é essencialmente seletiva e, por isso mesmo, parcial e interessada” e que “uma entrevista concreta não é mais que uma parte do conjunto e somente adquire seu real significado no todo que integra a amostra”(1995: 38). Por outro, as discussões mais atuais em torno do uso da oralidade, se encontram comprometidas com a busca por outras memórias, sem a preocupação, por exemplo, das pesquisas dos anos 90, que os pesquisadores buscavam a oralidade como forma de preenchimento das lacunas observadas na ausência dos documentos tradicionais. Nesse sentido, a obra de Fenelon (2004), *Muitas*

memórias, outras histórias, retrata essa mudança de paradigma da história oral, mas, essa nova história oral, é percebida principalmente na obra do historiador italiano Portelli (2010), *Ensaio de história oral*.

Santos & Sarat (2010), tratam a história oral com a perspectiva da memória individual, sem abrir mão totalmente da memória coletiva. Então, tal como Portelli (2010) a intervenção pela criação de um núcleo preservacionista do patrimônio educacional foi pela concepção de trabalho com a memória individual, como proposta de evidenciar a heterogeneidade da memória escolar.

A história oral na intervenção

A respeito das diferentes formas de uso da história oral enquanto método, porém, se deve reforçar a distinção entre elas. A diferença mais visível fica entre a *híbrida* e a *pura*, e, quem tratou desta questão foi Meihy (1996). A primeira, representa um trabalho de conjugação da coleta de depoimentos combinada com outras fontes, já a segunda, busca apenas os testemunhos e obedece à valorização única do que foi dito. Já entre a *complementar* e a *principal*, a distinção basicamente fica que uma a fonte oral complementa as fontes escritas de um peso mais significativo e a outra, a fonte oral aparece como o principal recurso, mas também conta com as fontes tradicionais, respectivamente. Ainda, é preciso reconhecer as diferenças entre a história oral temática e a história oral de vida.

Em relação à abordagem adotada, as obras de Meihy (1996) e Alberti (2005) que receberam o mesmo título, *Manual de história oral*, permitiram planejar os passos necessários para a preparação de um plano de intervenção que colocasse os sujeitos escolares no centro da execução das entrevistas de história oral temática. Por meio destes manuais, foi possível elaborar roteiros, organizar as equipes para o trabalho de pré-entrevista. Em seguida, perpassando pela relação entre entrevistado e entrevistador, circunstâncias, duração e o papel do gravador na condução da entrevista, bem como os esclarecimentos necessários ao entrevistado quanto à cessão de direitos sobre o depoimento a ser realizado. A pós-entrevista com o trabalho de transcrição e tratamento do arquivo de áudio e a organização do acervo.

Assim, por meio da história oral temática, os documentos orais foram produzidos e inseridos na perspectiva de principal fonte do acervo. Em relação aos procedimentos, foi representativo à elaboração do passo a passo e do cronograma das atividades. Os procedimentos adotados podem ser apresentados em quatro etapas principais:

1ª - Fase preliminar: Para refletir com os sujeitos participantes da intervenção, a importância da preservação da memória escolar, além da análise em torno do uso da oralidade no projeto de intervenção. Essa primeira etapa se dividiu em dois momentos: primeiro, a preparação teórica que envolveu leitura sobre memória social e identidade. Segundo, também através de leitura, os sujeitos interventores tomam contato com a história oral e mais precisamente com a técnica de entrevista.

2ª - Produção dos documentos orais: Nesta etapa, os jovens, divididos em grupos, realizaram o trabalho de produção da documentação através de entrevista gravada em áudio. Na realização das entrevistas se respeitou os passos da pré-entrevista, entrevista e pós-entrevista.

3ª - Organização do acervo: Nesta etapa, a documentação produzida foi analisada e recebeu tratamento para a organização do acervo digital. Foi o momento de aplicação dos conhecimentos da área da informática dos próprios sujeitos escolares, para o tratamento dos depoimentos a fim de disponibilização do acervo em duas modalidades, o próprio áudio e a transcrição, além das imagens produzidas no decorrer do procedimento, ambas para garantir o acesso e o direito à memória.

4ª - Criação do Centro de Memória Escolar: Última etapa, os grupos da intervenção participaram da organização do acervo e da criação do centro de documentação de forma direta e decisiva. Para realização das atividades, foi preciso respeitar limites impostos pelas condições observadas no processo de ensino e aprendizagem próprio da Escola Capilé.

Considerações finais

Dentre algumas hipóteses verificadas na utilização da história oral com a pesquisa de intervenção na realidade escolar, a mais importante foi a posição que o grupo de discentes ocuparam. Diferentemente das pesquisas tradicionais da história da

educação, no qual os grupos; corpo docente, discente, administrativos, serviços gerais, família, são tomados como objetos. Neste, eles foram elevados à posição de agentes da intervenção, como sujeitos interventores ou como sujeitos narradores.

Analisando na perspectiva da historiografia, pode-se concluir que essa pesquisa não contemplou a escrita de uma suposta história dos “heróis” em relação à história da educação, optando por trabalhar com investigação em torno do esquecimento e silêncio da memória de grupos sociais sem espaço na memória nacional. Assim, houve também um repúdio a abordagem com perspectiva na “história totalizante” em favor de uma história local. Segundo Burke (1992), “Uma história da educação vista de baixo deveria deslocar-se dos ministros e teóricos da educação para os professores comuns, como fez Jacques Ozouf, por exemplo, ou deveria apresentar as escolas do ponto de vista dos alunos” (1992: 22). Assim, foi compreendido que a análise pela Nova História contemplaria um olhar histórico “de baixo para cima” desse processo que envolve a educação escolar brasileira. Portanto, por meio da história oral e uso das narrativas dos sujeitos escolares, os horizontes da pesquisa foram demarcados em torno de uma instituição de ensino da rede pública de uma cidade do interior do Mato Grosso Sul.

Finalmente, conclui-se que a história oral como metodologia e as narrativas orais como fonte de pesquisa, têm colaborado com o trabalho dos pesquisadores dedicados a garantir o direito a memória individual e das instituições. Evitando, através do ofício de historiador que a história da gente simples caia no esquecimento ou no silêncio.

Referências e bibliografia

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

_____. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta M. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 12ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

FENELON, Déa Ribeiro. **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: OLHO D'AGUA, 2004.

FURTADO, Alessandra C. FERNANDES, L. C. História das Instituições Escolares: as relações de poder entre a memória e esquecimento. **IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA**. (2009), Maringá-Pr. Anais do VI Congresso Internacional de História. Maringá: DHI/PPH/UEM, 2009, p.3537-3546.

GARRIDO, Joan del Alcàzar. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. São Paulo: **Revista Brasileira de História**, vol.13, n.25, set.92/ago.1993, p.33-54.

GUARINELLO, Norberto Luiz. História científica, história contemporânea e história cotidiana. **Rev. Brasileira de História [online]**. 2004, vol.24, n.48, pp. 13-38.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. 2ª ed. Campinas, SP: Ed.UNICAMP, 1992.

MEIHY, J.C.S.B. **Manual de História Oral**. São Paulo; Loyola, 1996.

PAOLI, Maria Célia. Memória, história e cidadania: o direito ao passado. In: **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: DPH, 1999.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

SAMUEL, Raphael. **História local e história oral**. São Paulo: Revista Brasileira de História, v. 9, n. 19. Set. 89/fev. 1990, p. 219-243.

SANTOS, Reinaldo; SARAT, Magda. História oral como fonte: apontamentos metodológicos e técnicas da pesquisa. In: **Fontes e métodos em história da educação**. Célio Juvenal Costa; José Joaquim Pereira Melo; Luiz Hermenegildo Fabiano (Orgs.). Dourados,MS: Ed.UFGD, 2010, pp. 49-78.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.